



Mulheres Negras e o Mercado de Trabalho: dualidade e preconceito.

Liranna Thainan Damasceno Martins, Sara Veloso Rodrigues

Introdução

O presente trabalho tem a intenção de discutir sobre as mazelas da discriminação que se tornaram intrínsecas a sociedade, mesmo em tempos de liberdade, embora haja resistência em assumir a população brasileira é preconceituosa e direta ou indiretamente se torna uma barreira na luta pela igualdade. A mulher negra em um pilar de hierarquia social é uma das maiores vítimas desse processo, a cultura estabelecida ainda no Brasil-colônia permanece na ordem social e talvez de forma tão perversa quanto a 500 anos atrás, quando eram vistas como símbolo de emancipação sexual pelos seus senhores, a circunstância de submissão prevalece, mesmo com grandes mulheres atribuindo sua luta em momentos diferentes e cada uma a sua maneira.

A pesquisa discutiu a dualidade do preconceito que as mulheres negras brasileiras vêm enfrentando, uma vez que essas tem tido sua identidade menosprezada, sendo conduzidas socialmente a aceitar sua condição de submissa e a incompatibilidade de direitos e deveres entre os gêneros e raças.

Sabe-se que essas dificuldades vêm diminuindo com o tempo [1] pode-se afirmar que a situação social da população brasileira vem melhorando desde a virada do milênio. Mas essa condição se deu pelo combate e a criminalização de vários abusos aceitáveis até o século passado, muitas dificuldades permanecem na convivência dessas mulheres em sociedade, inclusive no que tange ao mercado de trabalho, espaço onde o racismo e o sexismo se intensificam juntos, desse modo o debate deve permanecer e tudo o que for a favor da luta de nossas mulheres é indispensável.

Dessa maneira, o presente explicita o quanto o preconceito tem dificultado à vivência das afro-descendentes em momentos cruciais para a garantia de sua emancipação social, além de desmistificar os estereótipos de gênero, considerando que o ser humano deve ser igualmente tratado como um ser social sem distinção de sexo ou etnia.

Material e métodos

Essa pesquisa foi elaborada inicialmente a partir de um estudo bibliográfico e exploratório com base em fontes primárias e secundárias [5] Fontes de informação são geralmente classificadas como fontes primárias, secundárias e terciárias, dependendo da sua originalidade e sua proximidade com a fonte de origem. O primeiro método usado foi à pesquisa bibliográfica que de acordo com [7] é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. Permitindo uma aproximação ao tema, norteando a argumentação relacionada ao mesmo. Dentro dos parâmetros de uma pesquisa descritiva, foi utilizado para incrementar o trabalho, entrevistas e pesquisas de opinião, trazendo a percepção da relação de teoria e prática.

Posteriormente a pesquisa se aprofundou em dados descritivos [6] que estuda e descreve características, propriedades ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade pesquisada. Tais estudos foram de fundamental importância para aproximação da ideia que a sociedade tem em relação da problemática escolhida,

As entrevistas foram realizadas com três professoras do ensino médio e superior, que agregado aos dados estatísticos adquiridos junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, foi julgado suficiente para a composição de dados empíricos relevantes a pesquisa. Utilizou-se a entrevista estruturada, onde as perguntas foram elaboradas previamente para garantir a objetividade dos entrevistados. Como instrumental de coleta utilizou-se o gravador que garantiu à revisão da entrevista, permitindo que essa atribuisse informações a pesquisa em todas as suas fases, posteriormente com a contribuição de todo o material teórico e empírico o trabalho foi elaborado e redigido, de acordo com as normas preestabelecidas pela comissão do evento ao qual esse trabalho será submetido.

Discussão

O mercado de trabalho é o foco da proposta de discussão por ser historicamente um ambiente de segregação para as mulheres negras, mesmo estando inseridas, as possibilidades de crescimento no espaço são mínimas, ao contrário,



geralmente são consideradas facilmente substituíveis, cargos com possibilidades de ascensão ou com grande necessidade de exposição da imagem quase nunca estão ao alcance desse grupo social, a mídia inclusive escancara esse fato sem qualquer discriminação, àquelas que não são “totalmente brancas” se caracterizam como tal, para se adequar a um padrão socialmente construído como “ideal”. [2] Esta interseccionalidade mostra sua face mais perversa em todas as fases da vida das mulheres negras, e traz grande impacto na qualidade de vida deste segmento. Está presente em todos os indicadores destas mulheres como: saúde, educação, violência e mercado de trabalho.

Outro fator que dificulta o desenvolvimento da população negra no mercado de trabalho é que estatisticamente temos que os negros iniciam o ofício precocemente, como modo de sobrevivência, condição que dificulta as possibilidades de qualificação, o que permitiria acesso a áreas melhor remuneradas.

Mas é importante lembrar que a situação de pobreza desse grupo social, não é a causa de sua condição, ao contrário, se trata de mais uma consequência do preconceito já sistematizado pela cultura brasileira, mesmo aqueles que sobressaem com acesso ao ensino básico conseguindo chegar ao superior e até alcançar outros níveis de desenvolvimento intelectual, encontram nessa trajetória barreiras que colocam o gênero e a raça como um condicionante para competência e merecimento de credibilidade. E as equiparações de gênero se encontram na mesma circunstância, é notório como o sexismo tem dificultado o progresso das mulheres dentro do mercado, não somente nas relações sociais ou ao observar a proporção de homens em cargos executivos comparado a de mulheres afrodescendentes em cargos subalternos, mas ainda hoje elas estão sujeitas a diferença salarial mesmo atuando em uma mesma função.

Na verdade, mesmo possuindo uma melhor atuação educacional mantendo uma proporção maior de pessoas concluindo os níveis de escolarização e o nível superior elas ainda encontram barreiras quanto à retribuição esperada com o investimento no ensino [3] seus rendimentos são inferiores aos dos homens, sua participação nos postos de comando e na condição de proprietárias-empregadoras ainda é restrita. O fato da maioria das mulheres estarem inseridas em setores de remuneração baixa como a saúde e a educação, vem desde sua trajetória universitária onde a uma grande tendência entre as mulheres, mesmo sobressaindo no ensino, em se estabelecerem em cursos menos valorizados, certamente pela imposição cultural, que coloca o grupo com a responsabilidade de se colocarem na condição de “diligente” da sociedade, desse modo elas encontram empecilhos para investir equitativamente em campos de predominância masculina, onde além de uma alta gratificação ainda há uma diversidade nos setores de comando do mercado.

O lamentável nessa situação é a invisibilidade da problemática, e a impunidade dos intolerantes, o Estado não cumpre efetivamente com seu dever de garantir os direitos básicos dessas pessoas e não existe nem mesmo a segurança de estar em qualquer ambiente sem ser hostilizado ou ter sua integridade física violada. E isso sem contar que boa parte da sociedade não atribui “questões sociais” como mazelas fruto da discriminação de raça e gênero.

No entanto a busca por igualdade sempre esteve presente, o questionamento quanto à discrepância das relações de trabalho entre os sexos tem estado cada vez melhor organizado em uma geração de homens e mulheres mais conscientes e politizados [4] Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem moldando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira.

No tocante a educação mudanças ocorrem mudanças na intenção de igualar os direitos cidadãos, uma vez que as políticas públicas vêm trazendo propostas nesse sentido, exemplo disso é a inserção da disciplina Educação das Relações Étnico Raciais nas Instituições de Ensino- IES para que profissionais da educação estejam preparados para combater desde cedo o racismo nas escolas preparando-as para atuarem de forma a conviver e respeitar qualquer diferença.

Ainda assim, o debate deve continuar afinal a porcentagem de negros da sociedade brasileira, seja homem ou mulher, que permanecem sendo vítimas da intolerância e da injustiça ainda é elevada. Foi a partir do questionamento da problemática que se alcançou o progresso e a persistência deve prevalecer porque o direito de reivindicação do ser humano é inalienável e é a com ele e a partir dele que garantiremos à igualdade.

Conclusão/Conclusões/Considerações finais

Tornou-se notório no decorrer do trabalho que os indicadores da discriminação tem dificultado a vida das mulheres negras em diversos âmbitos: saúde, educação e principalmente no mercado de trabalho onde a interseccionalidade se torna mais evidente.



A injustiça tem prevalecido, além das desigualdades impostas, ainda tem que se combater a impunidade dos abusivos, a intolerância tem passado convenientemente despercebida, o que permite a permanência de uma sociedade sistematicamente racista e machista.

Desse modo é perceptível que embora o cenário social que as mulheres negras se inserem tenha mudado, a circunstância é a mesma. Por isso a intenção desse trabalho não foi apenas a de denunciar os abusos e as condições de submissão impostas às nossas afrodescendentes, pretende-se aqui que o leitor possa se aproximar da problemática e assim se tornar útil na tarefa árdua de combatê-la. Ademais em favor das mulheres negras alienadas a sua situação.

O que significa que mesmo com o alcance de políticas públicas como instrumento de defesa dos direitos humanos a favor das diferenças de gênero e raça, a luta não acabou ainda a muito a se fazer, as mulheres devem permanecer investindo em sua intelectualidade e se politizando cada vez mais, é o que permitirá o direcionamento efetivo para ações a favor da igualdade. Sendo importante citar que não se pretende a formação de ideias hegemônicas, isto é, não é necessário um olhar específico para a questão, mas o que se espera é que a sociedade aprenda a valorizar o ser humano pelo o que este pode oferecer e não pelo seu gênero ou etnia, para que as relações sociais se naturalizem independente das características físicas do outro.

Referências

- [1] Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Situação social da população negra por estado** – Brasília: IPEA, 2014.
- [2] PINTO, Giselle. **Situação das mulheres negras no mercado de trabalho: uma análise dos indicadores sociais**. Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-Graduação em Política Social
- [3] Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA 2013. **Dossiê mulheres negras : retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil** /organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes . [et al.].- Brasília : Ipea, 2013.160 p.
- [4] CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, São Paulo, nº 49.2003.
- [5] Disponível em: <<http://magisterandre.blogspot.com.br/2013/02/fontes-primarias-secundarias-e.html>>. Acesso em 07 de agosto de 2015.
- [6] CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto Da. **Metodologia Científica**. 6ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- [7] MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- [8] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em : < <http://www.ibge.gov.br/home/> >. Acesso em 28 de julho de 2015